

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ESTÉTICA EM PLOTINO: APRESENTAÇÃO DE ALGUNS  
PONTOS DA ESTÉTICA NEOPLATÔNICA PELA REFUTAÇÃO  
DE ARTIGO DE LUC BRISSON

ANDRÉ GOMES DO NASCIMENTO NAVECA

MANAUS  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ANDRÉ GOMES DO NASCIMENTO NAVECA

ESTÉTICA EM PLOTINO: APRESENTAÇÃO DE ALGUNS  
PONTOS DA ESTÉTICA NEOPLATÔNICA PELA REFUTAÇÃO  
DE ARTIGO DE LUC BRISSON

Artigo apresentado ao  
Departamento de Filosofia da Universidade Federal  
do Amazonas como requisito parcial para  
obtenção do título de  
licenciado  
em  
filosofia

Orientador: professor msc. Francisco Guerra Ferraz

MANAUS

2019

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

N323e	<p>Naveca, André Gomes do Nascimento Estética em Plotino : apresentação de alguns pontos da estética neoplatônica pela refutação de artigo de Luc Brisson / André Gomes do Nascimento Naveca. 2019 12 f.: 31 cm.</p> <p>Orientador: Francisco Guerra Ferraz TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Filosofia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Plotino. 2. Estética. 3. Filosofia Antiga. 4. Grego Clássico. I. Ferraz, Francisco Guerra II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANDRÉ GOMES DO NASCIMENTO NAVECA

ESTÉTICA EM PLOTINO: APRESENTAÇÃO DE ALGUNS  
PONTOS DA ESTÉTICA NEOPLATÔNICA PELA REFUTAÇÃO  
DE ARTIGO DE LUC BRISSON

Artigo apresentado ao

Departamento de Filosofia da Universidade Federal

do Amazonas como requisito parcial para

obtenção do título de

licenciado

em

filosofia

Aprovado em 8 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

professor msc. Francisco Guerra Ferraz, Presidente

Universidade Federal do Amazonas

professor msc. Jerry Luiz Soares

Universidade Federal do Amazonas

“o perigo a ser evitado é o deleite” Duchamp

Não deixa de burilar a escultura de ti mesmo. (PLOTINO, I 6 [1] 9, 13)

O objetivo deste tcc é apresentar uma defesa da estética de Plotino contra os ataques de Luc Brisson em seu artigo “a oposição physys/ técnica em Plotino”. Para isso procedemos em dois passos. Num primeiro momento apresentamos alguns aspectos da estética plotiniana que mais marcaram as discussões estéticas e num segundo momento traremos a influência de Plotino para Nancy e para alguns artistas onde se pode reconhecer uma influência direta ou indireta do neoplatonismo.

Ainda no âmbito de uma introdução cabe apresentar as linhas gerais de nossa exposição. Antes de apresentar a argumentação do artigo de Brisson é necessário dizer que a estética de Plotino é tema de frequente polêmica pela sua flagrante inatualidade em tempos de relativismo estético<sup>1</sup> que redundava numa recusa a qualquer conceituação positiva da arte diante da constatação da grande disparidade de formas artísticas<sup>2</sup>. As conquistas formais da vanguardas levaram Danto em seu artigo kaliphobia a negar a possibilidade do belo como conceito estético universal diante da miríade de particulares. Após as considerações das linhas gerais do pensamento plotiniano no que condiz a estética e de sua influência na

---

<sup>1</sup> Nosso tempo onde a mais amplamente aceita teoria metafísica não dá conta da relação dos entes particulares com a participação de um conceito de Arte no século XXI: Arthur Danto que apresenta um conceito aberto que redundava numa sociologização da arte. Deixa-se de lado conceitos universais para dar conta de uma grande narrativa atemporal que sirva para toda a história da arte. Em Danto falta a base metafísica de Hegel, a crença da arte como manifestação do absoluto (embora esteja destinada a ser superada pelas duas figuras que a sucedem, a religião revelada e a filosofia) mas há a aceitação do diagnóstico de Hegel da arte como elevação do conteúdo em detrimento da Forma. inaugurou o “regime pós-histórico” nas artes, no qual o artista não é mais especializado num métier, podendo se dedicar a diversas modalidades artísticas – inclusive aquelas oriundas de um âmbito artístico de todo diferente daquele em que ele se formou. Danto analisa a superação da figuratividade nas artes plásticas como um prenúncio do “fim da arte” hegeliano, pois com o ready-made de Duchamp há a possibilidade da obra coincidir totalmente com um objeto retirado do cotidiano inaugurando o “regime pós-histórico” nas artes, no qual o artista não é mais especializado num métier, podendo se dedicar a diversas modalidades artísticas – inclusive aquelas oriundas de um âmbito artístico de todo diferente daquele em que ele se formou. Aqui (ready-made) também se pode notar a queda da tekne como vista pelos gregos, o ideal de ampla excelência num fazer artístico. Em total inversão da técnica como requisito para um artista Plotino dá o exemplo da estátua de Zeus executada por Fídias, porém nosso autor do tcc estava longe de vislumbrar o prenúncio da técnica como objeto de uma estética e mesmo da estética como disciplina independente da filosofia.

<sup>2</sup> Situação que leva o espectador a negar propriedades estéticas nas obras (por exemplo Francis Bacon) ou até mesmo o construto estético sensível ( a fonte de Duchamp) além de todo o sistema das belas-artes (com a aceitação pelo cânone de obras tidas anteriormente como artes aplicadas, por exemplo Roberto Burle Marx, expressões tidas como contravenções desde o império romano, os grafites e a ascensão de Banksy ao cânone e aos museus). Dito de outro modo a queda do conceito de belo como universal capaz de dar conta do amplo espectro de produções artísticas como definido por Danto no artigo kaliphobia

produção artística, em nossa conclusão voltaremos a Nancy e apontaremos a sua defesa do legado neoplatônico diante do cenário de falta de uma grande teoria da arte<sup>3</sup> que dê conta do conceito de arte com propriedades necessárias e suficientes a toda e qualquer forma de arte após a vanguarda e de uma estética que tenha nascedouro a partir do juízo de gosto do espectador<sup>4</sup>. Ajuntaremos também as análises de Marco Aurélio Werle e Rodrigo Duarte e exemplos nas obras de alguns artistas, Tarkovsky, Mondrian e Rothko.

---

<sup>3</sup> aqui é referência a teoria universal de Danto que não dá conta de explicar como as formas particulares entram no cânone

<sup>4</sup> aqui a referência é Thierry de Duve que parte do juízo de gosto kantiano (trocando belo por arte) mas sofre de “nominalismo estético” pois se o conhecimento da arte vem da empeiria com o fim de formar um juízo de gosto este começa com uma apreensão dos particulares e não chega até o universal que é para Kant o *sensus communis aestheticus*

## Primeira parte. Apresentação da crítica de Brisson de uma novidade na estética Plotiniana

Luc Brisson não vê uma novidade na estética plotiniana em comparação a Platão além de também não ver uma estética na antiguidade. Para o segundo ponto Brisson argumenta que “Plotino coloca sob o vocábulo *tékhnē* toda uma série de atividades humanas associando artes, ofícios e inclusive ciências que não apresentam nenhum traço comum além daquele da competência. Além do mais, a *tékhnē* não é associada à produção artística.” e para o segundo Brisson diz que “em Plotino assim como em Platão, a natureza precede sempre a *tékhnē*; com efeito, somente a natureza tem uma ação espontânea, contínua e dispensadora de vida e de potência”. Cabe-nos salientar que Brisson é rigoroso em suas análises das diferenças e heranças as quais Plotino trabalha como exegeta e ao mesmo tempo filósofo diante da tradição platônica, porém suas premissas estéticas são erradas. Na primeira parte de seu artigo Brisson diz “De Platão a Leibniz, existem diversos textos que podemos incluir no dossiê de uma reflexão sobre o belo, mas não naquele de uma “estética” constituída como disciplina autônoma” ora, é ser injusto com toda a tradição estética antiga pois se na antiguidade a beleza não é essencialmente sensível e as coisas não são belas senão por participação no inteligível disso não se pode concluir que os antigos não tiveram a experiência da beleza das coisas, a beleza é reconhecida, admirada e “cintilante<sup>5</sup>” como diz Plotino. O belo tem ligação inextricável com a metafísica, não se pode encontrar nos antigos temas estéticos “por excelência” como o julgamento do gosto ou o prazer estético, porém há reflexões sobre o Belo. Do mesmo modo se encontra reflexões relativas a arte como a imitação e sua influência nos efeitos psicagógicos da poesia ou da música ou como deve ser a tragédia. Em Plotino o que ressalta é a discussão da contemplação que a arte pode propiciar e a união com o Um. E é esse o ponto que falta na análise de Brisson: ele toma como verdade uma suposta historicidade caduca na psicagogia grega pois tem em mente as novidades estéticas da vanguarda artística e a negação da matéria como potência de um Um inexistente, falando em termos hegelianos<sup>6</sup> Brisson toma a teoria do gosto inglesa e a filosofia kantiana como impedimentos para se pensar em uma continuidade de reflexões estéticas que vieram desde os gregos, apesar dessa disciplina ter esse nome apenas com Baumgarten e sua separação teórica aceita pela comunidade filosófica pouco depois com Kant. Aceitar que não se pode fazer estética sem juízos de gosto ou separação da estética da metafísica (como faz Kant) não é apenas não ver uma continuidade estética nas discussões dos antigos em toda a história da estética, é afirmar também algo mais forte, a negação de uma estética como pensou o neoplatonismo, idealismo alemão ou artistas contemporâneos como Mondrian e Kandinsky<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> nela há traços miméticos dos *logoi panton*

<sup>6</sup> pois Hegel tem o diagnóstico da arte contemporânea com o famoso “fim da arte” mais respeitado e aceito por vários teóricos, seja analíticos como Danto ou continentais como Thierry de Duve ou Adorno.

<sup>7</sup> Assim como a linguagem artística na vanguarda pula de artifício para artifício ela esconde as bases dos conceitos de profundidade, espaço, cor, nesse velamento reside uma busca incessante do pintor por revelar a animação interna que faz, no visível, sua aparição. A forma externa não é o que dá forma e, assim, na esteira dos movimentos iniciados com o cubismo, é preciso romper com o invólucro. P. Klee, H. Matisse, Moore, Mondrian foram artistas que souberam utilizar a linha não geometricamente como reprodução das coisas sobre um certo vazio, mas como segregação,



onde a arte tem capacidade de revelar o real. Ora, aqui nos alinhamos, como dito na introdução a Nancy, para quem a arte pode revelar algo. Se não o absoluto como diz Hegel um vestígio do real, uma foto negativa do status da arte como se vê em Beckett e Duchamp.

Voltando a Brisson, ele começa por definir o conceito de Physis plotiniano apresentando como Plotino não dá um salto de potencial produtivo independente da fantasia<sup>8</sup>. Sua argumentação é exemplar mas falha pois ele apresenta a cosmologia platônica onde de fato o trabalho manual tem um papel de intervenção, o demiurgo olha diretamente para as formas ao forjar a hyle, matéria. Quando se passa para o domínio da cidade o trabalho do artista é desvalorizado pois ele contempla uma imitação de terceiro grau das formas, o que há de novo em Plotino é que o artesão contempla em segundo grau, direto da hipóstase do Nous e, portanto, se poderia esperar que em Plotino há uma valorização da arte devido a inaudita theoria<sup>9</sup> plotiniana. Mas Brisson é reticente, afirma que em Plotino não há demiurgo, como não há de fato, e, para além do mito platônico há uma hipostasiação da causa formal aristotélica na figura da hipóstase da Alma do mundo que dá eidos à hylé. Prosseguindo em sua argumentação Brisson diz que “No caso do universo, que não é uma obra técnica resultante de uma arte, mas uma produção da natureza, este agente não é um artesão ou um artista que delibera, que calcula e que trabalha, é a alma que enforma a matéria para produzir os corpos, impondo aos quatro elementos (o fogo, o ar, a água e a terra) a forma de sua organização. Neste texto, encontramos indiretamente uma crítica da produção artesanal e artística. Esta produção depende de uma potência que não se encontra no artesão ou no artista, mas fora dele, na medida em que este último deve aprender a arte ou a técnica que ele pratica; daí se segue que, nestes domínios, a produção é contingente e intermitente. Além disso, uma tal produção implica um raciocínio, uma deliberação. Por conseguinte, o objeto fabricado deve ter uma origem no tempo e, inevitavelmente, deve estar sujeito à destruição. Ora, no que concerne à fabricação do universo, contingência, geração e corrupção não podem ser admitidas; isso explica o recurso aos lógoi.”

Desse excerto se depreende logo o objetivo de Brisson, se os logoi dos demiurgos temporalmente definidos e imperfeitos não permite uma produção próxima do Uno como a da Alma então os logoi plotinianos não são tão diferentes da também imperfeita mímese platônica do ponto de vista da comparação da physys mais perfeita à imperfeita técnica. Ora, há duas coisas a objetar segundo dois estudiosos da estética antiga, primeiro que <sup>10</sup> Tudo quanto vemos no universo sensível, a obra de arte da natureza, é certamente belo, mas o

---

modulação de uma espacialidade prévia. No seu ensaio sobre a luz, Paul Klee afirma: enquanto a arte não se libertar do objeto, ela é descrição. Mondrian diz: “não concluirei que o círculo ou quadrado sobre a tela constitua, em algum sentido oculto, um símbolo religioso, mas antes: a capacidade dessas formas geométricas de servir como metáforas para o divino provém da qualidade viva, muitas vezes momentânea, que oferecem ao olho sensível”

<sup>8</sup> pois a imaginação só com Kant terá papel decisivo no juízo reflexionante.

<sup>9</sup> contemplação

<sup>10</sup> aqui seguimos Baracat no artigo a legitimidade da arte na filosofia de Plotino

homem é capaz de interferir na obra natural, torná-la melhor e produzir uma obra mais bela, como no exemplo citado por Plotino:

“Estejam, pois, se queres, duas massas de pedra jazendo uma ao lado da outra; uma delas é sem modelagem e não participe da arte (tékhne), a outra já dominada pela arte e transformada em estátua de um deus ou de algum homem – um deus como uma Graça ou uma Musa, e um homem, não um qualquer, mas um que a arte produziu a partir de todos os homens belos –; essa pedra, transformada pela arte em uma forma bela, pareceria bela não por ser pedra – pois assim a outra também seria igualmente bela –, mas a partir da forma que a arte introduziu nela. Essa forma, portanto, a matéria não a possuía, mas ela estava naquele que a concebeu mesmo antes de advir à pedra; e ela estava no artista (demiourgós), não porque ele tem olhos e mãos, mas porque ele participava da arte. Então, na arte, essa beleza era muito superior; pois não é aquela beleza que estava na arte a beleza que veio à pedra, aquela permanece, mas sim uma outra, derivada da arte, inferior àquela; e essa beleza não permaneceu pura em si mesma nem tal como ele (o artista) desejava, mas era o quanto a pedra tinha (de beleza) pela arte. Se a arte produz conforme o que ela é e possui – e produz beleza de acordo com a razão (lógos) do que ela produz –, ela é mais forte e verdadeiramente bela por possuir a beleza da arte, que é superior e mais bela do que tudo quanto há no exterior. De fato, quanto mais ela se dilata adentrando a matéria, tanto mais ela se torna fraca em relação à arte que permanece em unidade. Pois tudo que se distende se afasta de si mesmo; se é força, se afasta em força; se calor, em calor e, em geral, se potência, em potência; se beleza, em beleza. E todo produtor primário deve ser por si mesmo superior ao produto; pois a obra musical não é produzida pela ausência de música, mas sim pela música, e a música sensível é produzida por uma música anterior a ela. E se alguém despreza as artes porque elas produzem imitando a natureza, deve-se dizer a ele, em primeiro lugar, que também as naturezas imitam outros modelos. Em seguida, deve-se saber que elas não imitam simplesmente o visível, mas recorrem às razões (lógous) de que provém a natureza. Ademais, elas produzem muitas coisas a partir de si mesmas e acrescentam a essas coisas o que lhes falta, uma vez que são possuidoras da beleza; pois mesmo Fídias não fez [sua estátua de] Zeus à imagem de nenhum modelo sensível, mas o concebeu tal como ele seria, se Zeus desejasse aparecer-nos diante dos olhos”<sup>11</sup>

Dito isso o homem é capaz de incutir forma na matéria originada pela natureza e, assim, insuflar beleza na natureza, transformando uma pedra amorfa na estátua de um deus ou um belo humano. Essa forma incutida pelo homem na natureza foi apreendida por ele diretamente a partir da contemplação do inteligível; ela estava ausente da natureza e veio da contemplação do artista para a matéria. Para Plotino, a beleza contemplada pelo artista é menos bela que a beleza da própria arte, no entanto mais bela e verdadeira que a beleza percebida pelos sentidos, pois a materialização, isto é, a expressão da forma intelectual refletida na matéria, causa diminuição da unidade e, por consequência, diminuição da perfeição ontológica – pois “é pela unidade que todos os entes são entes”<sup>11</sup>. Como bem

---

<sup>11</sup> Plotino Enéada V. 8 [31] tradução de Junior Baracat

notou Émile Bréhier, a estética plotiniana é uma estética expressionista, segundo a qual a beleza exprimida nas coisas é sempre deficiente em relação à beleza interior que ela aspira a exprimir: a beleza está também na arte e no artista muito mais que na obra (...) Plotino defende uma arte idealista, na qual o artista rivaliza com a natureza e faz melhor do que ela.

Todas as ações humanas, inclusive nossas brincadeiras, são reflexo ou tentativa de contemplação, e elas devem acontecer de acordo com um lógos, que as guia e as acompanha, mas é diferente delas. É importante sabermos que o lógos coincide com o théorema, o resultado da contemplação, pois a natureza, por exemplo, é lógos e théorema da alma superior, e produz o universo sensível, que é seu lógos e théorema. Dessa forma, a perfeição do théorema depende da perfeição da theoría. A contemplação da natureza é menos perfeita que a da alma universal e, por isso, seu resultado é imperfeito. Evidentemente, essa regra se estende a todos os níveis da realidade, explicando por que o produto é sempre ontologicamente inferior ao produtor. Quando aplicada à atividade humana, ela nos permite entender como a prâxis e a poíesis são contemplação.

Feiúra e matéria. Nancy contra Danto na afirmação de que “história da arte se constituiu como história estético-normativa de pretensões universais”. Danto diz que as belas artes, separadas das artes práticas, são “uma espécie de lugar ontológico vago de nossas preocupações definitórias como seres humanos e com respeito às quais, conseqüentemente, ‘nada faz acontecer’”.

## BIBLIOGRAFIA

BARACAT JUNIOR, Jose Carlos. **Eneada III. 8 [30]**: sobre a natureza, a contemplação e o uno. Ed. bilingue. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2008. 190 p. (Lvmima. Textos clássicos) ISBN 9788526807150 .

PLOTINO.; BRISSON, Luc; PRADEAU, Jean-François. **Traités 1-6**. Paris: Flammarion, 2002. (GF; 1155). ISBN 9782080711557 .

HUCHET, Stéphane (Org.). **Fragmentos de uma teoria da arte**. São Paulo, SP: Ed. da Universidade de São Paulo, 2012. 308 p. ISBN 9788531413032.

Brisson, L. (2013). A oposição phúsis / tékhne em Plotino. *Archai: The Origins of Western Thought*, (10), 63. Retrieved from <http://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8365>

WERLE, Marco Aurélio. PLATÃO E AS VANGUARDAS ARTÍSTICAS DO SÉCULO XX: subtítulo do artigo. **ArteFilosofia - Publicação Semestral**: Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia - UFOP, Ouro Preto, v. 1, n. 10, p. 54-65, dez./2005. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/614>. Acesso em: 1 ago. 2019.

DUARTE, Rodrigo. **A arte**. São Paulo, SP: Martins Fontes, c2012. 69 p. (Filosofias : o prazer do pensar) ISBN 978-85-7827-485-6.